

## Isabel Cristina Pires, o lugar do génio<sup>1</sup>

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

É claro que eu podia ter apostado num jovem prodígio, com um livro ainda a cheirar a tipografia, brilhante de promessa e frescura. Porém, cansam-me os versos de rapazinhos pretensiosos, e o gemido de meninas góticas, esquecidas de aviar a receita de *Prozac*. Não há, simplesmente, paciência. No que toca a poesia, não quero saber nem de estreantes, nem de prémios de revelação, tão numerosos que é milagre a senhora da limpeza não ter ganho ainda um. Prefiro sentir experiência, calos, voz própria — e não me satisfaço com menos.

Voltei costas à livraria onde fora procurar, em vão, o futuro das letras portuguesas, e debrucei-me sobre os vários volumes que a Isabel Cristina Pires me tem oferecido. Estraguei-os, ao longo dos anos: sublinhei passagens, dobrei os cantos das melhores páginas e, se não fosse crime, até confessaria ter quebrado a lombada de um, ao fotocopiá-lo, para oferecer. Este manuseamento prova que raras vezes leio a poesia da Isabel com pressa ou de um fôlego — e isso é um excelente sinal. Um *best-seller* é um romance que se devora numa noite de insónia, ou entre aeroportos; pelo contrário, um livro de poemas arde devagar, e devagar se saboreia. A boa escrita exige esforço do leitor e, contrariamente aos romances que trepam pelos tops de vendas, aos iogurtes e ao ketchup, não tem prazo de validade.

Aposto, pois, nos livros da Isabel, sem qualquer hesitação. É um risco seguro, como diria o meu gestor bancário, por várias razões. Em primeiro lugar, esta autora não procura reinventar a roda: antes joga com as convenções da poesia e inova *dentro* delas, com talento. A originalidade reside nas suas obras constituírem o equivalente, *na poesia*, à literatura de viagens, na prosa. Poucos autores, portugueses ou estrangeiros, foram por aí, e menos ainda se aventuram em lugares demasiado desconfortáveis para figurarem nos guias turísticos. Como as areias do Arizona, por exemplo, que inspiraram o romance *O nome do poeta* (2003), e o livro de poemas *Deserto pintado* (2007).

O lugar do texto pode ser esse deserto do sudoeste norte-americano, escaldante e saturado de cor, onde um ser humano se encolhe perante a magnitude da paisagem, mas experiencia também o contacto transformador com os grandes espaços: “Tenho no sangue o veneno do Arizona, / onde a terra é mais do que a terra e o ar é mais do que o ar. / Onde o

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. “Isabel Cristina Pires, o lugar do génio”. *Os Meus Livros* 75 (maio 2009): 48-49. ISSN: 5-60727-048008.

espaço não cabe no olhar / e o céu turquesa encobre o mundo. É assim / que quero a morte: com este silêncio na garganta” (*Deserto pintado*, p. 26).

A segunda razão para apostar na Isabel reside na forma como trata o tema do espaço. Albert Camus acreditava que “o sentido de lugar não é o que as pessoas conhecem e experimentam, mas sim o que *fazem*”. Nessa perspectiva, a poesia desta autora é um *fazer* de cada sítio uma emoção ou uma ideia, combinando a paisagem exterior com a interior, e interrogando o génio do lugar. Porque, na sua obra, não é só o espaço que evoca os estados de alma do ser humano (o deserto a lembrar o vazio ou a solidão, por exemplo). Mais do que isso, contagiado pela magnificência do lugar, o indivíduo *dissolve-se* na paisagem: “Eu não sabia o que era o rosa / até me dissolver no Arizona / e ficar perdida para sempre / no violeta líquido da tarde” (*DP*, p. 15).

Por oposição, outros textos são surpreendentemente impessoais: o sujeito poético torna-se invisível, o ser humano existe apenas porque está *ausente*, obliterado pela imensidão da natureza. Nestes casos, o verbo do poeta cede lugar à voz das pedras, dos rios secos, e do céu ferozmente azul: “Não havia som. / Não havia vento nem ausência. / Só um urro de absoluto ser” (*DP*, p. 25).

Falei de três razões para apostar na obra da Isabel, mas o último motivo já surge plasmado nos exemplos anteriores: a beleza metafórica da sua escrita. Emily Dickinson afirmava que “se um livro torna o meu corpo tão frio que nem o fogo me aquece, então, é poesia”. Sem esquecer que a palavra poética também é reflexão, arrepio-me e surpreendo-me agradavelmente com as personificações, imagens e sonoridade da Isabel — marcas de um estilo maduro. Por exemplo, esta pérola: “Entendi o zero e o infinito / porque o amor me roubou toda a espessura. / Saio da terra amada e lá deixei / a sombra” (*DP*, p. 27). Ou esta: “Estou neste lodo de amar quem me não ama. // Como se passa para o outro lado da armadilha? / Como morre o amor a sua morte? / Quem para a fábrica de oiro das estrelas?” (*DP*, p. 32).

Apostei com um amigo que comeria o meu chapéu, se um dia esta autora de Coimbra não viesse a merecer a estima literária que Eugénio, Sophia ou Torga já detêm. Embora não use chapéu, pelo sim e pelo não, continuarei a escrever sobre a obra da Isabel. Mesmo que seja pregar num tempo de prosa, e num país de poetas onde a poesia não se vende. Porque, apostas à parte, a obra de Isabel Cristina Pires é uma presença tão perturbadora quanto uma pegada única na imensidão da areia — mas é consideravelmente mais durável. Que o vento não a leve.